

**Turismo de Estudos e Intercâmbio: Antes, Durante e Depois -
Uma análise sobre ex-intercambistas da Universidade Federal de Juiz de Fora
(Minas Gerais, Brasil)**

**Tourism Studies and Exchanges: Before, During and After -
An analysis on former exchange students from Federal University of Juiz de Fora
(Minas Gerais, Brazil)**

Thiago Coelli (COELLI, T.)*

RESUMO - Participar de um programa de intercâmbio internacional é atualmente uma das principais metas do estudante universitário durante sua formação acadêmica. No entanto, os diferentes aspectos que envolvem esse tipo de intercâmbio ainda são pouco estudados em Universidades Brasileiras. No presente artigo se teve como objetivo avaliar as relações existentes em um intercâmbio de estudos realizado por alunos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) - Minas Gerais (Brasil), nos anos de 2011 e 2012. Neste trabalho se discute inicialmente o conceito de Intercâmbio de Estudos e o seu crescimento no Brasil, assim como na UFJF. Enquanto pesquisa teórica, no artigo se utiliza notadamente das noções de ritual e cultura. Na parte documental e prática, os rituais e as construções dos relatos de viagens são estudados através de experiências próprias e de narrativas de ex-intercambistas sobre os preparativos pré-viagem, os acontecimentos durante a viagem, como também os resultados pós-viagem. Para tal fim, um questionário foi aplicado a um grupo de alunos que vivenciaram a realidade do intercâmbio estudantil através da UFJF com destino a universidades do exterior. Foi perceptível a necessidade de preparação por parte dos envolvidos, seja ela emocional, financeira e até mesmo burocrática para que a experiência transcorresse sem maiores percalços. Os resultados aqui apresentados, decorrentes da experiência de um intercâmbio estudantil pelo olhar de alguns intercambistas, ajudam a compreender melhor os fatos que se passam no universo desse intercâmbio e os possíveis impactos na área de Intercâmbio de Estudos.

Palavras-chave: Intercâmbio de Estudos; Ritual de Passagem; Cultura; Relatos de Viagem; UFJF.

ABSTRACT - Participating in an international exchange program is currently one of the main objectives for college students during their academic process. However, different aspects of this kind of exchange are still poorly studied in Brazilian Universities. This article aimed to evaluate the relationships in exchange studies performed by students of Federal University of Juiz de Fora (UFJF) - Minas Gerais (Brazil), in the years 2011 and 2012. At the first moment the paper approached the concept of study interchange, its growth in Brazil, as well as in UFJF. While being a theoretical research, the paper uses analysis of the conception about ritual and culture. In the documentary and practice part, the rituals and the constructions of travel reports

* Formação: Graduação em Turismo (Bacharelado) pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) – Minas Gerais (Brasil). Especialização em Comércio Exterior & Negociações Internacionais (UFJF). Atividade profissional: Gerente de Intercâmbio Outgoing da Diretoria de Relações Internacionais (UFJF). Endereço físico para correspondência: Rua Manoel Bernardino 9 (ap. 401). CEP: 36016-460 – Juiz de Fora – Minas Gerais (Brasil). Telefone para contato: 55 32 8828-6270 E-mail: thiagocoelli@hotmail.com

were studied by self experiences and stories of other exchange students, where it discussed pre-trip preparations, events during the trip, as well as results of post-trip. For this purpose, a questionnaire was applied to a group of students who experienced the reality of study interchange from the Federal University of Juiz de Fora to universities worldwide. It was noticeable the need of preparation from for those who are involved, being it financial, emotional or even bureaucratic. The results presented here, arising from the experience of a student exchange program from the point of view of some exchange students, which could help to better understand the events that take place in the universe of this exchange programs and possible impacts in the area of study interchanges.

Key words: Study interchange; Rituals; Culture; Travel reports; UFJF.

1 INTRODUÇÃO

O Turismo de Estudos e Intercâmbio nos últimos anos ganhou destaque no Brasil e no mundo. Em um cenário globalizado e em constantes mudanças, a busca pelo novo e pelo diferente, tornou-se cada vez mais comum.

Diante dos desafios globais que afetam os diferentes países, a internacionalização tornou-se um instrumento fundamental para enfrentar estes desafios.

Gestores do Governo Brasileiro estão cientes sobre as mudanças que estão ocorrendo e, através de seus órgãos competentes, estão buscando se organizar e estabelecer políticas claras para o desenvolvimento deste segmento tão promissor do turismo.

Tendo em vista o crescimento acentuado do intercâmbio internacional acadêmico no âmbito nacional e, diante da necessidade de uma análise dos diferentes aspectos que envolvem esse intercâmbio, no presente trabalho se teve como objetivo avaliar as relações existentes em um intercâmbio de estudos realizado por alunos da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) - Minas Gerais (Brasil), nos anos de 2011 e 2012. A UFJF vem se destacando nos últimos 8 anos por apresentar ritmo acentuado de crescimento no setor de Intercâmbio de Estudos com aumento significativo no número de intercâmbios realizados por seus alunos (www.ufjf.br/portalsri). Desta forma, este trabalho se justifica em virtude do espaço que o tema Intercâmbio de Estudos está conquistando na UFJF, no Brasil e no mundo além da necessidade de se expandir as discussões sobre esse tema. Através dos resultados apresentados pretende-se contribuir para uma melhor compreensão desta vertente crescente de se fazer turismo.

O interesse no tema proposto, surgiu também, pelo autor ter realizado em 2011/2012 um intercâmbio estudantil através de um Convênio de Intercâmbio de Graduação entre a UFJF e a Universidade do Algarve, situada na cidade de Faro, ao sul de Portugal. Todo esse envolvimento com esse segmento do turismo o levou a pensar como todas as relações existentes nesta atividade se estabelecem e quais os resultados para a vida de seus praticantes.

2 METODOLOGIA

A estratégia metodológica adotada nesse trabalho envolveu a pesquisa bibliográfica, o uso de dados estatísticos e entrevistas semiestruturadas (DESLANDES, 1994; HAGUETTE, 1997). O uso de entrevistas abertas ou semiestruturadas tem como objetivo apreender o nada evidente significado atribuído pelos sujeitos às suas ações, assim como às de outros atores. Portela (2006) assinala a importância da apreensão do significado na pesquisa qualitativa: “A pesquisa qualitativa não se preocupa com representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, de uma organização etc.”. O roteiro de entrevista foi enviado nos meses de Outubro e Novembro de 2012 via *e-mail* para um universo de cem alunos intercambistas, tendo como resposta dentro do prazo estipulado, uma amostra de dez alunos que vivenciaram a realidade do intercâmbio estudantil através da UFJF. Do ponto de vista teórico, buscou-se realizar uma discussão sobre o conceito de Intercâmbio de Estudos e o seu crescimento no Brasil, assim como na UFJF. Os dados referentes ao intercâmbio estudantil internacional foram fornecidos pela Diretoria de Relações Internacionais (DRI) da UFJF.

Os nomes, assim como os dados dos entrevistados foram mantidos em sigilo. A fim de organizar e preservar a identidade dos entrevistados foram utilizados denominadores correspondentes aos entrevistados, sendo E1 correspondente ao entrevistado 1 e assim por diante.

Os seguintes pontos centrais foram abordados: os preparativos pré-viagem, os acontecimentos durante a viagem e os resultados pós-viagem. Com a aplicação da pesquisa mencionada, foi proposto dar início às reflexões de como as relações existentes em um intercâmbio se estabeleciam, quais foram as repercussões para os seus praticantes e se os ex-intercambistas acreditavam serem válidas as experiências vivenciadas.

Na entrevista se buscou analisar pontos principais, como: perfil do aluno; preparação pré-viagem; acontecimentos na vivência no exterior e, por fim, como se estabeleceu o retorno ao Brasil. No primeiro momento das entrevistas, auferiram-se informações do perfil do intercambista, tais como: a idade, renda familiar aproximada, gastos totais para a realização do intercâmbio, duração em meses do intercâmbio e em

que fase/período do curso os alunos tendiam a realizar essa experiência. Nas etapas de pré-intercâmbio, trans-intercâmbio e pós-intercâmbio buscou-se possibilitar que o aluno expressasse o que mais lhe foi marcante, a fim de constituir as principais temáticas da realização dessas etapas.

3 INTERCÂMBIO DE ESTUDOS, NO MUNDO, NO BRASIL E NA UFJF

No século XVIII, a demanda por viagens por prazer e pela busca do *status social*, ganha força, visto que, para os ingleses dessa época, o verdadeiro detentor de cultura (cultura erudita) era aquele que havia realizado um Grand Tour através da Europa, desta forma, o Grand Tour é um importante marco na história do Turismo de Estudos e Intercâmbio, podendo ser esse momento o *start* desta atividade pelo mundo, como argumenta Andrade (2000, p. 9). Além disso, tem-se conforme Salgueiro (2002, p. 290):

O Grand Tour, como eram denominadas as viagens aristocráticas pelo continente europeu, anteriores à gradativa substituição do tempo orgânico pela regulação do tempo e sua divisão em tempo de trabalho e tempo de lazer no mundo moderno sob o capitalismo.

O Grand Tourist, como era chamado o viajante do Grand Tour, era um viajante com amplo tempo e recursos e viajava por prazer e amor à cultura, segundo Salgueiro (2002, p. 291).

No mundo contemporâneo, o Grand Tour não existe mais com a conotação anterior, contudo, ainda podem ser vistos aspectos que remetem as pessoas a essa forma de adquirir experiência e conhecimento. Com o tempo, a busca por uma educação mais internacionalizada ganhou o mundo e, segundo a UNESCO (United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization) existem mais de 100 milhões de estudantes de ensino superior atualmente no mundo (BRASIL, 2010, p. 19). Destes, 2,7 milhões estão matriculados fora de seus países e a previsão para o ano de 2025 é de aproximadamente oito milhões de estudantes em mobilidade no exterior.¹ As

¹ Informações retiradas do caderno do Ministério do Turismo “Turismo de Estudos e Intercâmbio: orientações básicas” (BRASIL, 2010, p. 19).

informações apresentadas apontam o quão importante e promissora é essa atividade, principalmente para o desenvolvimento da educação globalizada.

No Brasil, o desenvolvimento do Turismo de Estudos e Intercâmbio recebe o apoio do Governo que, através dos seus órgãos competentes, busca o desenvolvimento dessa vertente crescente do turismo. Segundo o Ministério do Turismo (BRASIL, 2006, p. 21):

Turismo de Estudos e Intercâmbio constitui-se da movimentação turística gerada por atividades e programas de aprendizagem e vivências para fins de qualificação, ampliação de conhecimento e de desenvolvimento pessoal e profissional.

Uma importante e notória ação recente do Governo Federal foi o lançamento do Programa Ciência Sem Fronteiras, através do qual se pretende estimular cada vez mais a atividade de intercâmbio, tanto no emissivo como no receptivo, tendo como meta oferecer 101.000 bolsas a estudantes e pesquisadores no País e no Exterior (www.cienciasemfronteiras.gov.br). Como se pode perceber através da descrição de alguns dos objetivos do Programa: “Promover a inserção internacional das instituições brasileiras pela abertura de oportunidades semelhantes para cientistas e estudantes estrangeiros”, e, “Investir na formação de pessoal altamente qualificado nas competências e habilidades necessárias para o avanço da sociedade do conhecimento”.²

Com essas ações e outras complementares, o Turismo de Estudos e Intercâmbio poderá se estabelecer como uma base segura da economia turística do Brasil, como já vem acontecendo em outros países, vide Austrália, Estados Unidos, Reino Unido entre outros (BRASIL, 2010, p. 20). Dois importantes documentos criados pelo Ministério do Turismo em conjunto com o poder público, sociedade civil e iniciativa privada foram consultados para a criação deste trabalho e, principalmente, são importantes para a organização desse segmento no Brasil, sendo eles: O manual técnico de operações “Desenvolvimento do Destino Referência do Turismo de Estudos e Intercâmbio em São João del-Rei/MG”³ e o caderno “Turismo de Estudos e Intercâmbio: Orientações

² Descrição de objetivos pretendidos do Programa Ciência Sem Fronteiras lançado em 2011 pelo Governo Brasileiro. Disponível em: <www.cienciasemfronteiras.gov.br>. Acesso em: 05/11/2012.

³ Manual Técnico criado pelo Ministério do Turismo com o objetivo de apresentar as etapas básicas de estruturação de um destino de Turismo de Estudos e Intercâmbio, para tal, foi utilizada a cidade de São

Básicas”⁴. O objetivo dessas produções é o de fortalecer e organizar o crescimento do segmento, tanto como emissor, como no receptor, acolhendo cada vez mais intercambistas em instituições de ensino no Brasil, promovendo a consolidação da imagem do país no cenário da internacionalização da educação.

A UFJF, através de sua Diretoria de Relações Internacionais – DRI – vem desenvolvendo, desde o ano 2006, acordos de cooperação internacional que propiciam oportunidades de vivência internacional, sejam elas no envio de alunos brasileiros para o exterior, ou no recebimento de alunos estrangeiros na vida acadêmica da UFJF. O número de vagas ofertadas para a realização de intercâmbio através da DRI em 2006 foi de 17, apresentando notável evolução para o número de vagas ofertadas no edital do ano de 2014 para a realização de intercâmbio no exterior, ao qual disponibilizou 350 vagas (crescimento de 2.058% no período de 8 anos). Uma breve apresentação da Diretoria de Relações Internacionais é feita em sua página oficial⁵, como se pode ver a seguir:

A DRI da UFJF tem como objetivo central a elaboração e execução de políticas de cooperação internacional, consolidando as estratégias para o crescimento institucional e fomentando a qualificação das atividades acadêmicas de âmbito internacional. As ações da DRI estão fundamentadas na captação, implementação, consolidação e acompanhamento de convênios, programas e projetos de parcerias universitárias binacionais. A diretoria facilita e estimula o intercâmbio de docentes-pesquisadores e estudantes de graduação e pós-graduação e a inserção das atividades da UFJF no contexto mundial.

Com esses propósitos e segundo os dados fornecidos pela DRI em seu edital⁶ de 2014 de seleção de alunos para a realização de intercâmbio estudantil, foram ofertadas 350 vagas de intercâmbio em diversas instituições de ensino no exterior. O processo de seleção da DRI conta com algumas etapas principais: a primeira é uma análise curricular, creditando pontos a todas as produções que o aluno constituiu no decorrer de sua vida acadêmica, como publicações de artigos, realização de estágios, participação

João del-Rei/MG para implantar o projeto piloto para estruturação do segmento. Disponível em: <www.destinosreferencia.turismo.gov.br>. Acesso em: 03/06/2012.

⁴ Caderno elaborado pelo Ministério do Turismo, contendo informações básicas das atividades de Turismo de Estudos e Intercâmbio. Disponível em <www.turismo.gov.br>. Acesso em: 07/09/2012.

⁵ Página oficial da Secretária de Relações Internacionais da Universidade Federal de Juiz de Fora: Disponível em: <www.ufjf.br/portalsri>. Acesso em: 03/10/2012.

⁶ O edital 2011/2012 de seleção de alunos para intercâmbio estudantil da UFJF entre outros documentos relacionados ao processo seletivo, podem ser consultados através do endereço: <www.ufjf.br/portalsri>.

em programas de iniciação científica, participação em programas de treinamento profissional, entre outros. Após passar pelas etapas de seleção interna da UFJF, o aluno é indicado pela DRI para a instituição de destino no exterior, que dirá se aceita ou não o aluno em sua instituição e, por fim, emitirá a carta de aceite para que possam ser feitos todos os demais trâmites legais, como, e, principalmente, a solicitação de visto junto ao consulado no Brasil.

Durante a formação do presente autor em bacharelado em Turismo, foi realizado intercâmbio de graduação com duração de seis meses através da DRI/UFJF, passando por todas as etapas de seleção do programa de intercâmbio. Com isso, teve-se a oportunidade de aprender o que é a preparação pré-intercâmbio, a vivência do cotidiano de estudos no exterior e, por fim, o retorno ao país de origem, ao Brasil. Portanto, pensou-se ser válida uma análise do conceito de ritual de passagem e cultura, como também um olhar mais intrínseco sobre as narrativas dos intercambistas para poder compreender como se estabelecem todas as relações existentes em um intercâmbio estudantil e o que se passa nesse universo de significados. É o que será visto no próximo item deste trabalho.

4 RITUAL E CULTURA, O INTERCÂMBIO DE ESTUDOS COMO UM RITUAL DE PASSAGEM

Para todos os efeitos, foi utilizada a noção antropológica de cultura para melhor compreender o universo de significados do intercâmbio de estudos. Em outras palavras, entendeu-se que os atores sociais são capazes de interpretar e classificar a realidade a sua volta, dotando-a de algum sentido. Essa definição de cultura, que é da ordem da semiótica, inclui a própria possibilidade de conflito e de tensão, uma vez que, da posse de códigos diferentes, os atores sociais podem divergir acerca do sentido e do significado, seja de eventos ou ações sociais (GEERTZ, 1978; ROCHA, 1981).

Por sua vez, os rituais são passagens que acompanham os indivíduos/grupos durante toda sua trajetória, e, talvez, até em outra vida, para quem acredita nela (VAN GENNEP, 1978, p. 158). Van Gennep afirma que viver é continuamente desagregar-se, separar-se e (re)-integrar-se, pois implicam em sequências de apegos e desapegos,

sucessivas idas e vindas, mudanças de *status* e posições na estrutura social que buscam novamente a agregação, contudo, após as sequências serem transitadas/realizadas não se tornam o que eram antes, fazendo os indivíduos ter ciência das mudanças ao longo das suas existências. Os ritos de passagem, então, concedem sentido às mudanças da vida, estabelecem um antes e um depois. Para Roberto DaMatta (1997, p. 85), antropólogo brasileiro, os rituais são instrumentos que permitem maior clareza às mensagens exercidas em sociedade.

Tais ritos de passagem, segundo Van Gennep (1978), apresentam um padrão de acontecimentos que pode ser dividido em um esquema de três fases, denominadas por ele: ritos preliminares (separação), liminares (margem) e pós-liminares (agregação). Seguindo dessa divisão, no primeiro momento (ritos preliminares), o indivíduo será separado das atividades normais do grupo no qual está inserido, passando, assim, para a segunda fase (liminar), nessa etapa o indivíduo/grupo inicia sua experiência à “margem” do que vivia, e, então, finalmente, completada essa fase, será reintegrado ao cotidiano de seu grupo, onde sentirá as mudanças, e, conseqüentemente, seu novo *status* social. Por sua vez, DaMatta (1997, p. 105) complementa que, no mundo do ritual, mais importante do que o “sair e o chegar”, é a “marcha”, a caminhada, o decorrer da transição entre o ponto de partida e o objetivo final.

Ao longo de toda vida, os indivíduos passam ou transitam por momentos considerados delicados, tanto do ponto de vista físico quanto moral. O nascimento e a morte assinalam, por exemplo, dois desses grandes extremos, primeiro, quando se entra no mundo e, em segundo, quando o dele se deixa. No entanto, essa trajetória social é assinalada por inúmeras outras mudanças cujas passagens são mediadas pelo ritual. Seja no mundo dito moderno, assim como nas sociedades tradicionais, o estatuto social de homens, mulheres, crianças e velhos é alterado constantemente. Nada permanece como é; tudo está sempre em constante movimento.

Muitas das mudanças experimentadas ao longo da vida implicam em algum grau de “perigo ou risco”, seja simbólico ou moral, como afirma Mary Douglas em seu clássico ensaio, “Pureza e Perigo” (1976). Por exemplo, em algumas sociedades indígenas brasileiras, o noivo e a noiva ficam isolados de todo contato físico e social em um espaço especial durante meses até que estejam preparados para gozar da vida adulta a dois e dos novos papéis a que fazem jus. Mas também se têm casos próximos do

universo simbólico das pessoas que mostram jovens vivendo isolados do mundo “normal” enquanto se preparam para ingressar um universo repleto de significados da vida adulta e produtiva: o vestibular e as novas formas de ingresso na universidade.

A antropóloga inglesa Mary Douglas (1978) discorre que os ritos não são somente receitas ou fórmulas que prescreveriam ou ainda antecipariam acontecimentos que as pessoas vivenciariam como maior intensidade. Segundo Douglas, não se trata disso. Apesar da estreita relação entre rito e religião não se pode reduzi-los apenas a essa relação. Além disso, para Douglas, assim como outros antropólogos como o brasileiro DaMatta (1997), o rito possibilita que os homens tomem consciência de fatos ou fenômenos que poderiam lhes passar despercebidos. DaMatta avança nesse mesmo sentido quando afirma que o rito é uma forma de colocar alguma coisa que poderia passar despercebida em *close-up*.

Ainda, segundo Douglas (1976), o rito permite a modificação da experiência do sujeito, o que tem implicações significativas para esse trabalho. Esse autor foi responsável também por aumentar consideravelmente o alcance da noção de rito para além do quadro religioso. Douglas (1976, p. 158) argumenta que:

Os rituais representam a forma das relações sociais e dão a elas expressão visível, capacitando as pessoas a conhecerem sua própria sociedade. Os rituais influem sobre o corpo político por intermédio do agente simbólico do corpo físico.

Outro aspecto marcante da análise de Douglas (1976) é que as pessoas fragmentam o mundo através de seus ritos, segmentando-o em universos distintos. Dessa forma, afirma que, sem os ritos, inúmeros aspectos da vida social simplesmente não adentrariam a vida social. É por isso que a autora coloca que: “Grosso modo, tudo de que tomamos conhecimento é pré-selecionado e organizado no próprio ato da percepção” (DOUGLAS, 1976, p. 52).

Apesar de toda a atualidade do ritual, ele não é um tema recente nas ciências sociais. Pode-se remontar a Emile Durkheim (1973), e a seu sobrinho, Marcel Mauss (1974), ambos fundadores da escola sociológica francesa, a discussão do ritual como fundamental à compreensão da vida social. Durkheim, por exemplo, procurou situar o rito como sendo fundamental à compreensão da festa como o grande fenômeno pela qual a sociedade toma consciência de si mesma. Para Mauss (1974), o rito se define

como sendo toda ação tradicional eficaz. Essa mesma definição será encontrada em sua obra sobre “As técnicas corporais”. Ora, com essa definição Mauss queria enfatizar o rito como sendo da ordem da eficácia simbólica. Dessa forma, Mauss interessa-se menos pela capacidade do rito em alterar concretamente o estado de algo no mundo do que a forma como ele é concebido. Como assinala Martine Segalen (2000), é da ordem do rito a produção de crenças em seus efeitos e isso se dá via a mediação da lógica simbólica. É Martine Segalen quem também define o rito como:

[...] um conjunto de atos formalizados, expressivos, detentores de uma dimensão simbólica. O rito é caracterizado por uma configuração espaço-temporal específica, pelo recurso a uma série de objetos, por sistemas de comportamento e de linguagem específicos e por sinais emblemáticos cujo sentido codificado constitui um dos bens comuns de um grupo. (SEGALEN, 2000, p. 23).

Para todos os efeitos e tomando, provisoriamente, a realização do intercâmbio de estudos como um ritual, dividiu-se e denominou-se o ritual do intercâmbio em três fases principais: pré-intercâmbio, trans-intercâmbio e pós-intercâmbio. No pré-intercâmbio, o indivíduo realiza toda a preparação para a viagem (escolha do destino, aplicação no processo seletivo, planejamento financeiro, emocional, solicitação de visto e etc.). Na segunda fase, e observando a colocação de DaMatta (1997), no que diz respeito à maior importância da “marcha” nos processos dos rituais de deslocamento, a fase que em si acontece com maior veracidade no intercâmbio é a segunda, denominada aqui: trans-intercâmbio. É nesse exato momento que tudo parece acontecer, todos os imaginários pré-viagem se encontram com a realidade dos fatos, o cotidiano fora da realidade habitual apresenta seu novo contexto, as descobertas surgem proporcionando novas experiências que sustentam a defesa dessa etapa como a principal. Por fim, na terceira etapa, o pós-intercâmbio é o momento de retorno, é o momento em que o deslocamento se torna de B para A, Leach (1992, p. 112), buscando a reintegração e a revelação de um novo papel junto à sociedade de origem.

5 ANTES, DURANTE E DEPOIS. ANÁLISE DAS NARRATIVAS DOS EX-INTERCAMBISTAS DA UFJF

A análise das entrevistas mostrou que a média de idade do aluno da UFJF para a realização do intercâmbio de estudos foi de vinte e dois (22) anos de idade, a renda familiar aproximada da média foi de dez salários mínimos e os gastos durante um período de seis meses de estudos no exterior foram de quinze (15) mil reais incluindo todas as despesas (despesas com visto, passaporte, passagem aérea, alimentação, hospedagem etc.). A duração dos estudos no exterior em 90% dos alunos entrevistados foi de um (1) semestre letivo, em média seis meses de duração e a fase ou período mais comum para a realização do intercâmbio se identifica na etapa final do curso, em torno de 75% de conclusão do mesmo.

Para as análises dos discursos sobre o pré-intercâmbio, trans-intercâmbio e o pós-intercâmbio as observações de Gilberto Velho (1978) se mostraram fundamentais. Para todos os efeitos, se utilizou a metodologia criada por Velho no estudo clássico de 1978 “A utopia urbana” em função de sua capacidade de lidar com falas, narrativas e discursos pudessem ser categorizadas em categorias de pensamento. É importante lembrar que, nos estudos sobre representações sociais, estão em jogo categorias de pensamento coletivamente construídas pelos sujeitos e que devem menos ao indivíduo do que ao próprio grupo ao qual elas estão ligadas. Segundo as palavras de Velho (1973, p. 65):

Desde pelo menos, Durkheim e Mauss, os antropólogos têm-se preocupado com sistemas de classificação. Como os indivíduos em sociedades ou grupos sociais específicos ordenam e sistematizam o seu mundo social e natural. Trata-se de verificar que categorias são utilizadas, como se relacionam e hierarquizam e os princípios que presidem esta organização.

Em *Ideologia e Imagem da Sociedade*, um subcapítulo do livro “A Utopia Urbana” (1973), Velho argumenta de que maneira as pessoas que foram entrevistadas faziam parte de um determinado grupo social a partir da sua posição na estratificação social. Segundo esse raciocínio, não necessariamente todas as pessoas pensam ou agem como um grupo coeso e integrado, mas pensam a partir de categorias que lhes possam ser comuns.

Nas etapas anteriormente citadas (pré-intercâmbio, trans-intercâmbio e pós-intercâmbio), foram identificadas categorias principais ou “Unidades Mínimas

Ideológicas”⁷ como Velho (1973, p. 67) as chamou: “Estas unidades mínimas ideológicas não têm um significado em si, mas só à medida que se opõem a outras categorias é que podemos situá-las. [...] O princípio de oposição é que importa”.

5.1 ANTES: A ETAPA DE PRÉ-INTERCÂMBIO

Ao fazer a análise das entrevistas utilizando a abordagem metodológica de Velho, na etapa de pré-intercâmbio, identificaram-se três unidades mínimas ideológicas que mais chamaram a atenção: informação, aprendizado e sacrifício. Como se pode verificar no quadro a seguir, elaborado pelo autor deste trabalho, elas formam parte de uma totalidade complementar que ficará mais evidente à medida que o quadro total de categorias for emergindo.

QUADRO 1 - PRÉ-INTERCÂMBIO

UNIDADE MÍNIMA IDEOLÓGICA	CARACTERÍSTICA	FRASE TÍPICA
“ <i>Informação</i> ”	Refere-se à busca por informações sobre o destino, principalmente através da internet e dicas de ex-intercambistas.	“Procurar informações sobre o destino na internet também ajuda muito, principalmente nos primeiros dias”.
“ <i>Aprendizado</i> ”	Evitar possíveis transtornos e/ou não conseguir se comunicar bem o bastante.	“Aprendizado intensivo da língua”.
“ <i>Sacrifício</i> ”	Esforço a fim de conseguir fundos financeiros suficientes para o custeio dos estudos no exterior.	“Dedicação total, juntei dinheiro por seis meses, vendi rifas, fiz noite de caldos em minha cidade, tudo para arrecadar fundos”.

Fonte: elaborado pelo autor, 2012.

Ao se questionar como foi realizada a preparação pré-intercâmbio, a categoria mais recorrente foi “Informação”. Como frase característica tem-se o seguinte exemplo do entrevistado E1 “Procurei conversar com outros intercambistas que já haviam morado por um período na cidade de Covilhã”. Tais respostas indicam o quão importante é o *feedback* dos ex-intercambistas com os futuros intercambistas, criando e transmitindo informações imprescindíveis para realização da etapa de pré-intercâmbio.

⁷ As Unidades Mínimas Ideológicas são representadas por palavras, expressões ou frases por Gilberto Velho (1978, p. 66) a fim de constatar quais categorias apareciam mais em sua pesquisa sobre a imagem de Copacabana, constituindo assim suas unidades básicas a serem analisadas.

Outra frase importante nas falas dos entrevistados foi a busca por informações, através da internet. A internet se torna uma ferramenta importante, possibilitando ao aluno, ainda no Brasil, conhecer um pouco mais sobre o futuro destino. Como se pode ver na fala do aluno E1: “Procurar informações sobre o destino na internet também ajuda muito, principalmente nos primeiros dias”. Ambas as categorias citadas buscam complementar as orientações oferecida pela Secretaria de Relações Internacionais da UFJF, como citado pelo entrevistado E1: “Participei das reuniões promovidas pela SRI”.

“Aprendizado”, em três momentos observa-se a preocupação com o aperfeiçoamento/aprendizado do idioma do país de destino, como exposto pelo entrevistado E9: “Aprendizado intensivo da língua alemã”. É importante assinalar a importância do aprendizado da língua falada do destino escolhido. Pode-se associar a “preocupação” em aprender o melhor possível o idioma do destino ao medo de passar por situações desconfortáveis, sejam elas em um aeroporto ou mesmo em uma roda de amigos. Tal categoria, ao apresentar sinais evidentes no sentido de facilitar o contato e comunicação, contrasta-se com a categoria anteriormente citada: “Informação”, que expressa a esquivia de situações indesejáveis.

Em dois momentos, a categoria “Sacrifício” foi citada, como se pode observar na fala do entrevistado E2: “Comecei a trabalhar para juntar dinheiro para a viagem. Desde que soube que fui selecionada até o dia da ida, trabalhei em seis funções diferentes para dar conta dos gastos”, como também na fala do entrevistado E6, que expressa o quanto batalhou para realizar o intercâmbio: “Dedicação total, juntei dinheiro por seis meses, vendi rifas, fiz noite de caldos em minha cidade, tudo para arrecadar fundos”. Há uma lógica para a preocupação financeira ter aparecido apenas em dois momentos na preparação do intercâmbio. A vertente Turismo de Estudos durante anos foi considerada uma atividade direcionada para indivíduos em melhores condições financeiras e, somente recentemente, o “sonho” de estudar no exterior se tornou acessível a um maior número de pessoas. Tal acessibilidade tem sua credibilidade pautada na existência de “bolsas de estudos”⁸ distribuídas pela UFJF nos editais anuais de seleção para intercâmbio de estudos, possibilitando alunos de menor poder

⁸ Bolsas de estudo ou Bolsa DRI/UFJF como são chamadas, constituem um apoio financeiro para ajudar o aluno em seus custos lá fora (edital no *site*: <www.ufjf.br/portalsri>). Acesso em: 09/11/2012.

econômico participarem dos intercâmbios oferecidos pela Instituição e concorrerem a tais bolsas, que são imprescindíveis no apoio do custeio dos estudos fora do Brasil.

5.2 DURANTE: OS ACONTECIMENTOS NO TRANS-INTERCÂMBIO

Após se ter analisado os acontecimentos na etapa antecedente à viagem, se passa para o trans-intercâmbio onde tudo parece acontecer. Considera-se o trans-intercâmbio como o momento mais importante para os intercambistas a partir da perspectiva defendida por DaMatta (1997), que é a de valorizar acima de tudo a “marcha”, no que diz respeito ao período de acontecimento do ritual de passagem. Nesse sentido, parece ser nesse momento que os laços se criam, os imaginários são conferidos de perto, podem-se viver as experiências suficientemente distanciadas da antiga sociedade. É onde a “vida paralela”⁹ se estabelece e se cria até o momento de retorno, de nova partida. Ao buscar por relatos de como era o dia a dia no exterior e o que faziam, obteve-se por unanimidade a resposta que o cotidiano era composto por aulas e atividades na universidade (como já esperado por se tratar de um intercâmbio de estudos), como relatado pelo entrevistado E5 “O meu dia a dia era pautado pelas aulas que escolhi frequentar da Universidade”. Ao buscar pela compreensão do transcorrer do intercâmbio e a passagem do trans-intercâmbio para o pós-intercâmbio, lançou-se mão também da indagação de como foram realizadas as despedidas ao retornarem ao Brasil.

Sinteticamente identificaram-se categorias/unidades mínimas ideológicas recorrentes nas falas em momento de trans-intercâmbio. Constituídas em: “Viagens/passeios/festas”, “Amizade”, “Saudade” e “Souvenir”. Expressas no quadro a seguir:

⁹ Chamaram-se de “*vida paralela*” todas as experiências no decorrer de um intercâmbio. É a expressão que mais vezes veio à mente do presente autor durante a realização intercâmbio na cidade de Faro – Portugal. Sabia que tudo que estava vivendo era real, no entanto, paralelo ao cotidiano no Brasil e com prazo de início e fim pré-estabelecidos antes mesmo da partida ao exterior.

QUADRO 2 - TRANS-INTERCÂMBIO

UNIDADE MÍNIMA IDEOLÓGICA	CARACTERÍSTICA	FRASE TÍPICA
<i>“Viagens/passeios/festas”</i>	Integração/ lazer	“À noite, eu costumava sair na cidade. Sempre havia algum tipo de festa para confraternizar os intercambistas. Nos finais de semana eu passeava pela cidade para conhecer a história, os pontos turísticos, a cultura, a culinária”.
<i>“Amizade”</i>	Novo ciclo social	“Os laços que são estabelecidos durante o intercâmbio com os amigos do mundo todo são muito fortes”.
<i>“Saudade”</i>	Saudade do Brasil e ou da família	“Já estava sentindo muita falta do Brasil e de minha família”.
<i>“Souvenir”</i>	Resgatar memórias que estão relacionadas aos destinos turísticos e transmitir a amigos/parentes	“[...] comprar os presentes e souvenir para os amigos”.

Fonte: elaborado pelo autor, 2012.

Em grande parte do trans-intercâmbio, viajar, se reunir com amigos, comer, beber e festejar representam o ápice de integração com o novo cotidiano ou com a nova sociedade. A categoria “Viagens/passeios/festas” denota com clareza essas observações. Essa categoria harmoniza-se com a ideologia do presente autor sobre a realização de um intercâmbio de estudos que, sob essa ótica, deve ir muito além do cotidiano pautado exclusivamente em interações com a nova sociedade através das salas de aula¹⁰, pois, de modo provável, é nos momentos de integração/entretenimento com os “outros” que são construídas, negociadas e mantidas as principais lembranças do intercâmbio. As palavras do entrevistado E1 reforçaram esse conceito:

Deixava os finais de tarde e noite para passear pela cidade, experimentava comidas e bebidas típicas da cidade (queijos, vinhos e carnes de caça), ou então, juntávamos os Erasmus¹¹ na residência para fazermos um jantar e ficar tocando violão e tomando umas cervejas. Aos fins de semana sempre rolava uma viagem, curta ou até mesmo para outro país.

A categoria “Amizade” alvitra um contraste em relação aos laços criados na nova sociedade que são de certa forma, desligados ao final do trans-intercâmbio. Na fala

¹⁰ Ao expressar essa ideia não se buscou reduzir ou enervar os conhecimentos proporcionados em sala de aula em universidades no exterior, mas sim, complementar que se torna fundamental para um bom aproveitamento do intercâmbio a interação com os fatores extraclasse.

¹¹ Nomeação designada aos alunos europeus em intercâmbio por países da União Europeia.

do entrevistado E10 pode-se assimilar o quão significativo é o momento de rompimento dos laços criados: “No momento de despedida a gente chorava e se abraçava, mas ficou uma sensação de que aquilo não era uma despedida definitiva, temos a certeza de que em algum momento voltaremos a nos encontrar”. Ao romper/distanciar as conexões criadas através do cotidiano compartilhado no intercâmbio, os indivíduos regressam aos seus lugares de origem mantendo contato principalmente através de redes sociais. Deste modo, podem reviver as lembranças através de fotos, vídeos e depoimentos compartilhados. Entretanto, com o tempo, até mesmo o contato virtual vai se tornando escasso devido à conclusão do “ritual do intercâmbio” e a volta ao cotidiano original no Brasil.

“Saudade”, no transcorrer do intercâmbio, por volta do terceiro mês até o momento de retorno ao Brasil, o sentimento de saudade dos familiares e amigos, parece ser coletivo, compartilhado por todos os intercambistas. Isso se deve ao fato de o cotidiano no exterior não ser mais composto por novidades a todo o momento como ocorria no início da viagem, na chegada ao destino, gerando, assim, espaços para a nostalgia. Como se pode ver na narrativa do entrevistado E2 “Já estava sentindo muita falta do Brasil e de minha família”. O sentimento de saudade busca ser minimizado pelos intercambistas, principalmente, através de chamadas de vídeo pela internet, nas quais os mesmos buscam se inteirar do cotidiano de familiares e amigos deixados no Brasil. Todavia, vale ressaltar, também, que, na medida em que a saudade do Brasil vai aumentando, os laços criados com a nova sociedade no exterior, como citado na categoria anterior “Amizade”, vai se desenvolvendo e se consolidando.

Os presentes/lembranças ou “Souvenir” são o eixo de conexão entre a “vida paralela” e a vida no Brasil. Através dos suvenires, poderá ser narrada e transmitida a categoria “Viajava/passeava/reuníamos” para os familiares e amigos. Por exemplo, ao presentear parentes e amigos com cartões postais (London Eye ou do Colosseo), o intercambista poderia narrar o quão bela foi a visão da tão famosa roda gigante londrina ou o quão formidável é a construção milenar do Anfiteatro Flaviano. Desta forma, as lembranças do lugar visitado podem ser transmitidas, estabelecendo-se a conexão das lembranças/conhecimentos adquiridos no intercâmbio com o “velho” cotidiano no Brasil.

5.3 RETORNO: O PÓS-INTERCÂMBIO

Por fim, chega-se às análises das entrevistas do pós-intercâmbio, momento no qual se buscaram informações sobre como foi realizado o retorno dos intercambistas ao Brasil. Algumas categorias foram destacadas: “Estranhamento”, “Novas viagens”, “Casa” e “Saudade”.

QUADRO 3 - PÓS-INTERCÂMBIO

UNIDADE MÍNIMA IDEOLÓGICA	CARACTERÍSTICA	FRASE TÍPICA
“Estranhamento”	Mudanças	“No início me senti um pouco desadaptada. Meus amigos estavam diferentes e eu também”.
“Novas viagens”	Manter o estilo de vida conquistado na vivência no exterior.	“[...] vai começar a querer programar viagens para outros lugares do Brasil, vai querer fazer turismo. Vai começar a se programar para fazer intercâmbio novamente. É algo viciante”.
“Casa”	Exprime a ideia do aconchego do lar, família e amigos.	“Foi bem legal, matar a saudade dos amigos, da família e até da minha casa.”
“Saudade”	Intensa saudade do cotidiano, amigos e lugares apreciados durante intercâmbio.	“[...] muitas vezes bate uma saudade dos amigos e do lugar onde morei. Queria voltar no tempo”.

Fonte: elaborado pelo autor, 2012.

No momento de retorno ao Brasil, ocorre com os intercambistas o que categorizou-se como “Estranhamento”. Essa unidade mínima ideológica representa as mudanças, o desligamento de uma sociedade constituída em alguns meses de vivência no exterior e a reintegração com a antiga sociedade, ocasionando a movimentação de B para A, como observado por Leach (1992, p. 112). Analisando o quadro acima, a unidade mínima ideológica “estranhamento” pode ser vista em oposição ao cotidiano vivenciado durante o intercâmbio, que se revelou intensamente diferente do dia a dia no Brasil. Todavia, a vida de intercambista é composta quase sempre por novas descobertas, novos amigos, novos paladares e até mesmo novas revelações sobre si mesmo, e, ao retornar ao Brasil, à velha sociedade, o indivíduo se sente perdido e/ou até mesmo pegando o “o bonde andando” como narrado pelo entrevistado E10.

A vontade de fazer “Novas viagens” ao retornar ao Brasil ficou evidenciada em algumas falas, como a do entrevistado E4: “[...] começa a querer programar viagens para outros lugares do Brasil, a querer fazer turismo. A começar a se programar para fazer intercâmbio novamente. É algo viciante”. O interesse em realizar novas viagens/turismo quando o intercambista retorna ao Brasil se caracteriza pela facilidade encontrada no exterior em realizar viagens domésticas e até mesmo viagens internacionais pela proximidade dos países e/ou preços acessíveis para se locomover entre os destinos. Tal categoria se contrasta à realidade encontrada no Brasil, onde o intercambista não era tão habituado a realizar tantas viagens, despertando assim a vontade de manter o estilo de vida de viajante que lhe proporcionava tantas descobertas no exterior.

Dois categorias recorrentes no momento de pós-intercâmbio apresentam-se em desacordo ao serem analisadas, são elas: “Casa” e “Saudade”. A categoria “Casa” retrata o momento de felicidade ao retornar aos aconchegos da família, amigos e até propriamente dito na fala de um dos entrevistados (E4), a casa: “Foi bem legal, matar a saudade dos amigos, da família e até da minha casa”. O sentimento expresso na categoria “Casa” se opõe ao apresentado na categoria “Saudade”, momentos aos quais os intercambistas retratam a saudade dos momentos apreciados no exterior, mesclando a vontade de retornar e/ou não se “desligarem” da vida lá fora, como se pode ver na fala do entrevistado E5: “A saudade dos locais e das pessoas (deixadas lá fora) era muito forte nas primeiras semanas e a volta à rotina do Brasil foi intensa nesse sentido”. Na fala do entrevistado E4 evidencia-se a vontade de reviver o intercâmbio e, talvez, retornar ao local: “[...] muitas vezes bate uma saudade dos amigos e do lugar onde morei. Queria voltar no tempo”.

Observa-se com as entrevistas que o Intercâmbio de Estudos representou um marco na vida dos atores sociais entrevistados. A partir de suas falas percebeu-se que se trata de um momento de crescimento profissional e pessoal que propõe um viés mais globalizado e sistêmico, através da vivência do mundo pelos próprios olhos, “*Il faut aller voir*”¹².

Ao final das entrevistas, indagou-se se os intercambistas realizariam intercâmbio novamente e se indicariam essa experiência para outras pessoas. Obteve-se por

¹² Ir ver (tradução própria), no sentido de buscar vivenciar o mundo através de viagens e interações com outras culturas distante da zona de conforto do país de origem.

unanimidade a resposta positiva. “Sim, realizaria um novo intercâmbio e indicaria para outras pessoas.”.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

As repercussões pós-intercâmbio são positivas, agregam valores profissionais e principalmente pessoais aos atores sociais envolvidos. Constatou-se, nas entrevistas aplicadas aos ex-intercambistas da Universidade Federal de Juiz de Fora, o quão interessante pode ser a realização de um intercâmbio de estudos no exterior e a certeza de ganho pessoal e profissional relatadas por eles ficou evidente.

Analisando os benefícios dessa atividade pelas etapas apresentadas, conclui-se que os conhecimentos adquiridos surgem ainda no Brasil, na etapa de pré-intercâmbio, quando os alunos se esforçam para ficar entre os melhores a serem selecionados para vivenciar essa oportunidade única. Desta forma, mesmo que indiretamente o Intercâmbio de Estudos contribui para o empenho dos acadêmicos em constituir um bom currículo para conquistar tais oportunidades.

No transcorrer do intercâmbio, etapa a qual o autor deste artigo defende como principal na realização deste “ritual” chamado aqui de Intercâmbio de Estudos, é quando realmente tudo acontece. Como DaMatta (1997) observa, mais importante do que o “sair e o chegar” em um ritual, é a “marcha”, o vivenciar entre a partida e o objetivo final. Isso se aplica também ao ritual do intercâmbio, quando, todos os preparativos para a realização desse evento tão cobiçado nos dias atuais, podem ser compreendidos e realizados de fato. No trans-intercâmbio organiza-se o novo papel que o indivíduo se propôs a representar diante da sociedade, papel esse compreendido na busca por mais conhecimentos através da vivência do mundo, deixando para trás sua zona de conforto e expandindo seus horizontes e possibilidades.

A percepção de mundo dos discentes após a realização de um intercâmbio de estudos representa-se através da fala de um dos entrevistados, em que menciona que o retorno é “um redescobrir do seu próprio espaço, uma vez que se amplia a visão de mundo, a percepção do próprio espaço e a relação com ele também são modificadas”. Todas essas mudanças locais do próprio espaço proporcionam transformações em um

grupo de indivíduos que fazem parte do cotidiano dos ex-intercambistas que transmitiram o conhecimento buscado lá fora, agregando valor à comunidade envolvida.

A realização desse trabalho permitiu conhecer um pouco mais sobre o universo de significados dessa vertente do turismo e sua contribuição para a internacionalização da educação. Em uma possível continuação dessa pesquisa poder-se-á explorar com um olhar mais aprofundado a etapa de pós-intercâmbio, que apresentou-se no desenvolvimento desse trabalho repleta de singularidades na (re) inserção dos atores sociais ao seu país de origem. Outra pesquisa na qual se poderia aprofundar baseia-se nas respostas obtidas ao questionar se os intercambistas fariam intercâmbio no mesmo local/destino, pois, em concordância todos disseram que gostariam de ir para um novo destino e que voltariam ao local onde realizaram o intercâmbio apenas para visitar o antigo local de tantas descobertas.

7 REFERÊNCIAS

ANDRADE, J. V. de. **Turismo: fundamentos e dimensões**. São Paulo: Editora Ática, 2002.

BRASIL, Ministério do Turismo. **Turismo de Estudos e Intercâmbio: orientações básicas**. Brasília: Ministério do Turismo, 2010.

_____. **Segmentação do Turismo: Marcos Conceituais**. Brasília: Ministério do Turismo, 2006.

_____; BELTA, Brazilian Educational & Language Travel Association. **Manual Técnico de Operações de Estudos e Intercâmbio: Destino Referência São João del-Rei/MG**. Brasília: Ministério do Turismo; São Paulo, SP: BELTA, 2009.

DAMATTA, R. **Carnavais, malandros e heróis, para uma sociologia do dilema brasileiro**. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DESLANDES, S. F. A construção do projeto de pesquisa. In: **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Maria Cecília de Souza Minayo (Org.). Petrópolis: Vozes, 1994. p.31-50.

DOUGLAS, M. **Pureza e perigo**. São Paulo: Perspectiva, 1976.

DURKHEIM, E. **As formas elementares da vida religiosa**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

HAGUETTE, T. M. **Metodologias qualitativas na sociologia**. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.

LEACH, E. **Cultura e comunicação**. Lisboa: Edições 70, 1992.

MAUSS, M. **Sociologia e antropologia**. São Paulo: EPU/USP, 1974.

MINISTERIO DO TURISMO. Destino Referência em Segmentos Turísticos. Disponível em: <<http://www.destinosreferencia.turismo.gov.br>>. Acesso em: 10/10/2012.

PORTELA, G. L. **Pesquisa quantitativa ou qualitativa? Eis a questão**. Universidade Estadual de Feira de Santana departamento de letras e artes metodologia da pesquisa em letras. Feira de Santana, 2006.

PROGRAMA CIÊNCIA SEM FRONTEIRAS (CsF). Disponível em: <<http://www.cienciasemfronteiras.gov.br>>. Acesso em: 03/10/2012.

ROCHA, E. P. G. Tempo de casa ou “carteira manjada”: notas para um estudo de construção da identidade. In: **Comum**, v. 2, n. 8. Faculdade de comunicação e turismo Hélio Alonso. Rio de Janeiro, 1981, p. 44-64.

SALGUEIRO, V. Grand Tour: uma contribuição à história do viajar por prazer e por amor à cultura. In: **Revista Brasileira de História**. N. 44. São Paulo, 2002. p. 289-310.

SEGALEN, M. **Ritos e Rituais**. Lisboa: Publicações Europa-América, 2000.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA. Diretoria de Relações Internacionais. Disponível em: <www.ufjf.br/portalsri>. Acesso em: 03/11/2012.

VAN GENNEP, A. **Os ritos de passagem**. Trad. Mariano Ferreira. Apresentação Roberto da Matta. Petrópolis: Vozes, 1978.

VELHO, G. Observando o familiar. In: NUNES, E. (org.) **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p. 123-133.

_____. Ideologia e imagem da sociedade. In: **A utopia urbana: um estudo de antropologia social**. Rio de Janeiro: Zahar, 1973. p. 63-85.

Recebido em: 29-05-2014.

Aprovado em: 28-06-2015.